REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 216

21 DE DEZEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇAO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais um grande artista desapparecido!

Ante-hontem a Delphina, hontem a Emilia das Neves, hoje o Rosa!

Quasi toda essa brilhante pleiade de artistas que foram a gloria do nosso theatro, e o enthusiasmo de nossos avós e de nossos paes, se sumiu já no tumulo implacavel.

E os poucos que ainda restam, foram já roubados aos nossos applausos, á nossa admiração, vivem a vida obscura dos ignorados, mettidos em suas casas, tristes, aborrecidos, nostalgicos do theatro, do ruido, das ovações, e só os entrevemos de vez em quando, n'esses momentos terriveis em que a morte vem ceifar nas suas rareadas fileiras, quando se trata de ir dizer o ultimo adeus áquelles que foram seus companheiros das noites de lucta e de gloria, e que vão esperar por elles na enorme serenidade do sepulchro, na eterna noite da cova.

Rosa pae era de todos esses que tem desapparecido um dos maiores e um dos mais originaes.

A sua individualidade completa e extranha, desenha-se hoje colossal d'ao pé do tumulo onde elle para sempre se occultou.

Quando elle andava ahi pelas caixas dos theatros, pelas ruas da baixa, com o seu falar arrastado, caracteristico, as suas caturrices, as suas excentricidades, as suas manias, ás vezes achavamol-o ratão, e riamo-nos: hoje choramol-o e vemol-o gigante.

É que todos esses feitios comicos do seu caracter, todas essas ratices, constituiam uma feição especial da sua physionomia originalissima, davam-lhe um caracteristico unico, um alto tom pessoal, no meio da banalidade burgueza em que se confundem hoje para ahi quasi todas as physionomias actuaes.

Rosa era um artista extraordinario, era um artista de raça, uma raça cada vez mais rara, era uma figura excentrica, original, que por toda a parte se destacava enorme e dominante.

Não tentamos hoje esboçar aqui essa individualidade gloriosa e sympathica, que nunca encontrou melhor photographo de que Julio Cesar Machado nas explendidas paginas dos *Theatros de Lisboa*, nem tão pouco fazer a biographia do artista colossal que a arte portugueza perdeu para sempre.

N'um dos proximos numeros o OCCIDENTE publicará um dos melhores retratos de João Anastacio Rosa, e então fará a biographia do illustre actor.

Hoje registamos apenas aqui esse acontecimento triste que sahindo dos dominios dos acontecimentos artisticos, foi um acontecimento nacional, tão grande era o talento do que morreu e o nome celebrado que lega á historia do seu paiz.

Ha muito tempo que se não via em Lisboa um enterro como o de Rosa pae, não só pelo numeroso prestito que acompanhava esse cadaver querido, como tambem pela immensa multidão que se agglomerava pelas ruas a ver passar pela ultima vez aquelle que lhe dera tantas noites de enthusiasmo, que tanto o fizera rir com as provincianices do bom morgado de Fafe, que tanto o fizera chorar com as pelintrices tragicas do fidalgo pobre.

E depois o Rosa pae tinha já em vida a aureola da posteridade.

Ha annos que vivia já na historia.

Para a geração moderna o Rosa pae era um antepassado, e um contemporaneo.

Um antepassado pela fama das suas ruidosas glorias que a tradicção contava, um contemporaneo pelas glorias actuaes de seus filhos, que eram reflexos fulgurantes da sua gloria, que eram exemplares vivos do seu talento.

O Rosa pae do *Carnioli*, do *Alfageme*, do *Fr. Luiz de Sousa*, da *Mathilde*, do *Fidalgo pobre*, do *Livro negro*, do *Primo e Relicario*, do *Maestro Favilla*, era completamente desconhecido da geração de hoje.

Os nossos avós, os nossos paes, transmittiram-nos a fama d'essas creações magnificas que a his-

STEPHEN GROVER CLEVELAND — NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS

toria do nosso theatro regista nas suas paginas mais gloriosas, como nos transmittiram a fama das noites celebres da linda Emilia, do grande Tasso, da celebre Manuela Rey, do impagavel Sargedas.

O Rosa que nós conhecemos era já o Rosa decadente, o Rosa alquebrado pela doença, o Rosa velho. E ainda assim, apesar de tudo isso, nunca nos esqueceremos do *Morgado de Fafe*, que nos fez morrer a rir no Gymnasio, quando o Rosa já apresentava o seu filho mais novo, o Augusto todo cheio das hesitações da estreia, acobertado pelo seu nome formidavel, do *Marquez de la Segliere* que vimos no Principe Real, quando a M.elle de la Segliere era Lucinda Simões e o plebeu apaixonado João Rosa, já tambem grande actor, nunca nos esqueceremos d'esses dois papeis magistraes, que apesar de se sentirem já da doença que afastára do trabalho permanente do theatro o grande Rosa, são duas das creações theatraes mais notaveis que temos nas nossas recordações de espectador.

E se o actor d'essas duas noites memoraveis nos enche de saudades ao entrar no tumulo, o que fará o homem, que nós conhecemos muito mais de perto, e muito mais demoradamente, o homem com quem vivemos dia a dia, na excellente confraternidade dos artistas, o homem cujo caracter aprendemos a estimar e a venerar nas relações quotidianas de longas annos, o homem cujo espirito nos alegrou em largos cavacos interessantissimos, cuja sciencia profunda de theatro conhecemos muitas vezes nas questões mais difficeis da difficil arte de representar, cujo talento faiscava n'uma apreciação rapida, cujo enthusiasmo expolsia em frente de tudo quanto era bello e grande.

É por isto que nos sentimos sinceramente commovidos ao escrever estas linhas.

Se se tratasse só d'um grande artista podiamos ter a serenidade da critica n'este momento em que elle começa a pertencer a posteridade, trata-se d'um amigo, d'um companheiro, e a severidade foge-nos, e as lagrimas apparecem-nos nos olhos.

Para nós o Rosa pae como artista era um heroe de hontem: como homem, era um amigo de hoje.

E se deante do tumulo d'um heroe a dôr nacional pode manifestar-se em homenagens ruidosas, deante do tumulo d'um amigo, a dôr individual, só tem uma manisfestação possivel — as silenciosas lagrimas.

É é com essas lagrimas nos olhos, que apertamos as mãos dos dois filhos que elle tanto amou na vida, e a que deixou uma herança sagrada — o seu nome glorioso e a sua lição de mestre.

S. Carlos deu-nos finalmente a sua primeira celebridade, uma celebridade sem bronchite, uma celebridade em toda a plenitude dos seus possantes recursos artisticos, a sr.ª Fidés Devriés.

O publico de S. Carlos, estava um pouco de pé atraz com essa celebridade, que o obrigava a pagar ainda mais caro os logares do theatro.

Depois a sr.ª Salla tinha sido um desapontamento grande.

A reputação viera tambem com ella, e no fim de contas, os espectadores de S. Carlos em vez de verem a sr.ª Salla justificar essa reputação, viram-n'a apenas tossir.

Ainda esperavam, como nós, que essa tosse passasse, mas não passou; pelos modos a bronchite era chronica e a sr.ª Salla comprehendeu-o, decerto, e por isso juntou a sua despedida á sua estreia, e o publico ficou-se na espectativa benevola da primeira noite, e nunca poude atinar com a razão porque Ambroise Thomaz a escolhera para a sua Francesca.

E tinha medo que com a sr.ª Fidés Devriés acontecesse o mesmo. De mais a mais a cousa era mais séria, porque as cadeiras tinham passado de 1$500 a 2$250 réis.

Por isso na primeira noite do *Fausto* o publico estava desconfiado.

A sr.ª Devriés entrou em scena, disse explendidamente a resposta a *Fausto, Non sono damigella*, e o publico ficou frio, impassivel, um pouco zangado mesmo com aquelles que queriam applaudir logo alli, a delicada arte, o fino talento que se revelara n'aquella singela e encantadora phrase.

Mas, como acontecera com a Judic, o verdadeiro talento vence todas as resistencias, derruba todas as prevenções, e era ver o enthusiasmo com que no fim da opera o publico acclamava aquella que lhe revelara todo o encanto perfumado que ha na doce figura da Margarida de Goethe, que dera á deliciosa musica de Gounod uma interpertação extranha, que se destacara completamente de todos os *Faustos* que até agora se tinham ouvido em Lisboa.

Effectivamente a sr.ª Fidés Devriés é uma das cantoras mais extraordinarias que temos visto na nossa vida, porque reune a uma bella voz, perfeitamente educada, conhecedora de todos os difficeis segredos da arte e de estylo, um talento completo de comediante delicadissima, da mais moderna escola.

No seu jogo scenico ha uma sobriedade prodigiosa, o alto tom artistico que distingue a escola franceza de todas as escolas, a simplicidade de meios, a comprehensão nitida do personagem, e do drama, a naturalidade e a singeleza que contrastam singularmente com os exageros os esgares, ou então com a indifferença imbecil, que estamos habituados a ver na maioria dos cantores italianos, mesmo em alguns dos mais notaveis pela voz e pelo methodo de canto.

Ainda ha em S. Carlos quem prefira os grandes gestos, as tragicas pernadas convencionaes da opera italiana, ao naturalismo moderno da arte franceza de cantar opera: mas vão rareando graças a Deus, e prova-o o *successo* enorme que obtem todas as noites o sr. Devoyod, e a ovação immensa que teve a sr.ª Fidés Devriés.

A grande cantora dá poucas recitas em Lisboa. Cremos que cinco ou seis, cantando além do *Fausto* o *Rigoletto* e o *Hamlet*, de que ella passa por ser a primeira Ophelia do mundo.

E é assim que a animação voltou a S. Carlos, d'onde andou fugida, e que temos o prazer delicioso de ouvirmos cantar umas operas como temos a certeza de que em poucos ou nenhuns theatros lyricos se ouvirão actualmente.

No dia 15 do corrente abriram-se em sessão real as camaras constituintes que teem o mandato para rever a Carta Constitucional, isto é, a lei fundamental do Estado.

Abriram-se no dia 15, fecham-se no fim d'este mez, tornam-se a abrir no dia 2 de janeiro. Entretanto cremos que apesar d'este abrir e fechar de camaras o paiz não ganhará nada com isso, e as cousas ficam no mesmo estado se não ficarem peiores.

Nas vesperas da abertura das côrtes os boatos de crise que costumam sempre dar o seu passeiosinho pela cidade n'esses dias memoriaes, sahiram do cerebro dos fabricantes d'estas noticias, deram a sua volta pelo Chiado, pararam na Havaneza, cavaquearam no Gremio Litterario, e depois recolheram-se a casa, tendo conseguido apenas alvoroçar os ingenuos que ainda acreditam n'essas facecias velhas da politica indigena.

É escusado dizer que esses boatos não se realisaram, e que o governo continua o mesmo, e continuará como é de prever, até á realisação das faladas refórmas politicas.

Abriu ha coisa de oito dias a exposição annual do grupo de artistas conhecido pelo nome de Grupo do Leão. Não tivemos ainda tempo de visitar essa exposição, de que temos ouvido dizer bem, e de que se tem vendido já bastantes quadros. Visital-a-hemos um d'estes dias e diremos francamente a nossa opinião de *dillettante*, unica que podemos ter em assumptos de pintura.

E esta chronica que abriu com a noticia d'uma morte profundamente deplorada, fecha com noticia identica.

Começámos pela noticia da morte de Rosa pae, do grande velho actor, e terminamos com a da morte de Antonio de Menezes, o scintillante *Argus* do *Diario Illustrado*, do *Jornal da Noite*, do theatro dos Recreios, a morte d'um auctor novo.

Ha muito tempo que Antonio de Menezes pertencia a uma das mais horrorosas mortes, á morte da tysica.

Ultimamente a sua larynge esphacelada, recusava obstinadamente a dar ás suas palavras o colorido da voz.

Antonio de Menezes havia perto d'um anno que não falava, balbuciava apenas umas palavras intelligiveis, tão roucas que se apagavam completamente aos ouvidos pouco habituados a ellas.

E apesar d'isso, apesar de trazer a morte dentro de si, de ter já o aspecto d'um cadaver, Antonio de Menezes andava sempre alegre, e acreditava com viva fé, que em vindo a primavera, se restabeleceria de todo. Pobre rapaz, que teve as ultimas brisas do outomno a lançarem-lhe sobre o tumulo as folhas resequidas das suas arvores quasi nuas.

Até ao ultimo momento Antonio de Menezes conservou a alegria jovial que era o caracteristico do seu bello caracter e do seu expontaneo talento. Quasi a exhalar o ultimo suspiro, e a fazer gazetilhas para os jornaes, a fazer quadros para a revista do anno, d'este anno a que elle não tinha que ver o fim.

E o grande elogio de Antonio de Menezes, o elogio do seu caracter e da sua maneira foi a sensação que a sua morte produziu em Lisboa; saudade profunda que elle deixa em todos, elle, um poeta satyrico, que ordinariamente é odiado por todos a quem belisca.

E Menezes tinha tanta delicadeza na sua graça, que até os beliscados eram seus amigos, e choram hoje lagrimas sinceras deante do cadaver d'esse rapaz a quem o talento promettia um bello futuro na nossa litteratura, e a quem finalmente o destino deu apenas uma cova no Alto de S. João.

Gervasio Lobato.

O NOSSO SUPPLEMENTO

A FAMILIA

Quadro de Miguel Angelo Lupi

O Occidente no cumprimento do seu programma e affirmando a sua indole de publicação verdadeiramente nacional, tem procurado entre os variados assumptos de que trata e dos factos importantes que occorrem, o de tornar conhecidas as obras dos artistas portuguezes, que as ha, mau grado dos praguentos que dizem não haver arte em Portugal, onde só floresce a larangeira.

Mais ainda lhe corre o dever de dar publicidade ás obras de arte portugueza, quando outras publicações só se empenham em publicar as obras de arte extrangeiras, adornando as suas paginas com cliches maravilhosos, copias de não menos maravilhosos quadros de auctores celebres, sem entremiarem esses quadros com alguns portuguezes que deem relação do que por cá se faz e tem feito, não deixando os seus leitores n'essa ignorancia e desalento pela arte do seu paiz.

Seja, pois, o Occidente, que prehencha essa lacuna, — que de muitas está o paiz cheio, — sem pretenções nem palavriados, modestamente, como lhe o permittem os seus recursos, n'esta cruzada emprehendida ha sete annos a favor da arte nacional, em toda a sua expressão e latitude.

Vamos para isso, escolher entre os quadros do fallecido professor Miguel Angelo Lupi, um intitulado *A familia* que não é dos somenos do distincto pintor, que teve para si a infelicidade de nascer em Portugal, onde o acanhado meio e a indifferença o desalentaram por muitas vezes, não lhe permittindo elevar o vôo do seu genio, brilhar as scintilações do seu talento, emquanto que para o nosso egoismo foi uma dita, o elle ser filho de Portugal que poude contar mais um artista notavel que o honraria e honrou em toda a parte, porque os quadros de Lupi figuraram no *Salon* de Paris, sendo premiados, e em outras exposições extrangeiras, sempre com distincção.

O quadro a *A familia* é uma primorosa tela que reproduz, com todo o sentimento e verdade, uma d'essas scenas caseiras que não haverá mãe que não se impressione ao contemplal-a.

Aquella creança de cabellos encaracolados, que a mãe levanta em seus braços, recebendo-o no regaço onde uma toalha o espera para o enxugar, do banho em que o lavou, emquanto elle faz festas com as suas mãosinhas irrequietas á irmã mais velha que o acaricia e procura beijar; a mãe embebida em tranquilla contemplação do filho que não ha muito fazia parte do seu ser, e agora o vê crescer em corpo e em graças, pagando-lhe em sorrisos e alegrias, os soffrimentos porque a fez passar, todos estes sentimentos estão vivos e expressados no quadro, com verdade e com alma pelo artista.

Este quadro foi premiado na exposição de Bellas Artes de Madrid, em 1871 e hoje pertence a Sua Magestade el-rei D. Fernando.

Se não escolhemos bem, para a outra vez escolheremos melhor, porque ainda ha muito por onde respigar na, ainda que pequena, galeria de obras de arte portugueza.

AS NOSSAS GRAVURAS

STEPHEN GROVER CLEVELAND

O novo presidente da republica dos Estados Unidos que acaba de ser eleito depois de porfiada campanha eleitoral, em que o partido republicano, que ha vinte e tres annos occupa o poder e o partido democrata opposicionista, empregaram todas as suas forças e recursos, pertence ao partido democrata que venceu as eleições definitivamente, no ultimo acto eleitoral celebrado em 4 do corrente.

Stephen Grover Cleveland nasceu em Caldwell (New-Jersey) a 18 de março de 1837 e é filho de um pobre presbyteriano que, outros bens lhe não pôde dar senão que os de uma educação austera e exemplar com que formou o caracter do futuro presidente da Republica.

N'estas condições Cleveland teve logo de muito novo que trabalhar para se manter, e assim empregou-se no commercio em Fayetteville e depois cursou a Academia de Clinton; foi mestre escola em Nowa-York. Aos desasete annos partiu para Buffalo onde seguiu a carreira do foro, exercendo varios cargos publicos com muito acerto e honradez o que lhe mereceu uma grande popularidade e, em 1881, ser eleito por grande maioria, *Mayor* de Buffalo.

Em 1882 foi eleito por uma maioria de 192:854 votos, governador do estado de Newa-York, fazendo uma administração brilhante e correspondendo cabalmente á confiança com que o povo o tinha eleito.

Escolhido pelo partido democrata para candidato á presidencia da Republica, triumphou sobre os outros tres candidatos propostos Benjamim F. Butter, apoiado pelos *Green-Banckers*, ou aplogistas do papel-moeda; John Saint-John proposto pelas associações dos *Teato lallers*, ou bebedores de agua; James G. Blaine, representante do partido republicano, havendo ainda uma candidata Miss Bella Lockwood uma agitadora emola de Luiza Michel, em França.

Esta candidata e os dois primeiros candidatos opposicionistas a Cleveland retiraram as suas candidaturas logo ao principiar os trabalhos eleitoraes.

Não deixa de ser curiosa a fórma porque se realisam esses trabalhos. O primeiro acto eleitoral é a eleição dos delegados de todos os estados da união que devem escolher os candidatos á presidencia. Esta eleição verifica-se em grandes reuniões ou *meetings* nas principaes cidades, e é preparada por uma propaganda activa feita por meio de publicações especiaes em que a caricatura tambem tem a sua parte; por conferencias publicas; por banquetes; por procissões civicas e cavalgatas; por annuncios e reclames extraordinarios em todos os jornaes e por tudo de quanto a phantasia dos *yankees* é susceptivel.

O segundo acto eleitoral consta da eleição dos cidadãos que devem constituir os collegios eleitoraes ou que deverão votar na eleição final, representando os differentes estados da confederação segundo o numero de cidadãos de que se compõe cada estado.

Esta eleição verifica-se um mez antes do ultimo acto ou eleição definitiva do presidente da Republica.

O terceiro acto eleitoral é quasi uma simples formalidade, porque os actos precedentes annunciam logo pela feição politica dos cidadãos eleitos para votarem pela massa geral do povo, qual será o candidato á presidencia vencedor.

Tres mezes depois d'esta ultima eleição é que o novo presidente toma posse do seu logar, no qual estará legalmente installado pelo espaço de quatro annos, findos os quaes se procederá a novas eleições.

Este complicado processo eleitoral corre sempre agitado, e o que agora se verificou deu logar a encarniçada lucta, chegando a ser incendiadas as cidades de Pilatka, na Florida e Napoleon-Ville, na Luisiana.

O partido democrata vencedor espera muito do novo presidente cujo caracter, capacidade e feição politica é uma garantia para as grandes reformas moralisadoras que deverão corregir os abusos e a corrupção que se tem desenvolvido sob a administração do governo, ou partido republicano.

ALEMQUER

É longa a historia de Alemquer, uma das principaes villas da provincia da Extremadura, e assente em uma planicie na base de uma collina, situada a 45 kilometros ao N. de Lisboa e 6 kilometros ao N. O. do Tejo.

A sua origem remonta aos tempos prehistoricos pois que d'isso apresenta notaveis vestigios, como o affirma o fallecido Carlos Ribeiro na «Descripção do solo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo» em que diz:

«Nas camadas do caminho do Carregado para os Cadafaes, encontram-se silex lascadas, maxillas de pequenos animaes, dentes molares de homens e fragmentos de loiça grosseira, vermelha e anegrados.»

Tambem já era povoação importante sob o imperio romano, porque d'isso tambem conserva indubitaveis vestigios em muitas lapides, cippos, moedas e inscripções romanas que alli teem apparecido em escavações e varias obras que se teem feito.

Passando pois por sobre estas épocas anteriores á fundação do reino de Portugal, vamos encontrar Alemquer conquistado aos mouros, que por sua vez tambem occuparam esta parte da peninsula pelo espaço de quatro seculos, por D. Affonso Henriques, em 1148.

A esta conquista seguiram-se varias tentativas dos serracenos para retomarem os seus antigos dominios, mas em que sempre as armas dos christãos ficaram vencedoras, estabelecendo-se definitivamente a povoação portugueza.

Alemquer tornou-se em pouco uma das mais importantes povoações do novo reino, pela sua bella situação, pela fertelidade do solo e pelas boas condições de clima.

Isto, porém, não a isentou de passar por alternativas em que ora prosperava ora se aniquilava.

O ultimo periodo da sua decadencia ainda não vae longe. Em 1851 o estado da villa era dos mais desanimadores; entretanto Alemquer tinha elementos proprios de prosperidade.

As fabricas de papel e de lanificios que orlam o rio de Alemquer que deslisa por entre a villa, haviam de produzir a riqueza do trabalho; o seu fertil torrão havia de germinar os beneficios da agricultura; a sua posição proxima da capital e com faceis vias de communicação, havia de lhe trazer desenvolvimento e prosperidade.

Alemquer hoje tem alargado a sua povoação e disseminado as suas habitações pela encosta da collina coroada pelo velho castello, que é um monumento glorioso do seu passado.

A parte baixa da villa quasi que não tem onde construir por estar toda já construida, apresentando algumas edificações importantes.

A cultura da vinha no termo de Alemquer, tem tomado um grande desenvolvimento despejando a flux os manancias de riqueza por sob os seus cultivadores.

Em Alemquer hoje ha vida; as obras particulares e municipaes succedem-se sem interrupção, e de anno para anno cresce em importancia e prosperidade.

A villa está dividida em duas freguezias e a sua população é superior a 2:000 almas.

Entre os muitos titulos que a nobilitam, conta o de ter sido berço de muitos varões illustres. Entre elles citaremos Damião de Goes, a que já nos temos referido em outros artigos aqui publicados; Pero de Alemquer que acompanhou Bartholomeu Dias na sua viagem em que descobriu o Cabo da Boa Esperança, em 1487, e muitos outros não menos valorosos que omittimos para não alongar este artigo.

Quem desejar conhecer minuciosamente a historia de Alemquer, póde satisfazer esse desejo lendo o livro intitulado «Alemquer e o seu concelho», escripto pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques, e publicado em 1873.

Este livro é o repositorio mais completo de tudo quanto diz respeito a Alemquer e seu concelho e a elle nos soccorremos para esta breve noticia.

CABINDA

Nos nossos, ainda vastos territorios da Africa, encontra-se na costa occidental o reino de Cabinda, notavel, pela estructura dos seus habitantes, talvez os mais esbeltos de toda a costa.

O reino de Cabinda, fica entre 5° 12' e 6° de lat. sul, e por conseguinte no limite indisputavel, hoje, dos nossos dominios africanos, dizemos, hoje, porque outr'ora nunca ninguem se atreveu a disputar o nosso direito.

Tem de extensão de costa 200 kilometros, e para o interior 220 proximamente, até terminar no Zaire.

A sua população é mais densa na margem do Zaire, e no littoral dos territorios de Molambo e Cabinda, do que no interior, onde ha planicies pouco cultivadas.

A França disputou a Portugal a posse de parte d'esses territorios e depois a Inglaterra, nossa eterna *alliada* e expoliadora, mas finalmente o nosso direito foi assegurado por uma arbitragem e decisão honrosa.

Uma serena bahia, com bom surgidouro e demorando a 5° 31' de lat. sul, permitte a communicação com o reino de Cabinda pela parte do norte do Zaire. Ao fundo d'essa bahia assenta-se a povoação do mesmo nome que a nossa gravura representa.

O clima bastante doentio e mortifero, não tem permittido grande desenvolvimento á colonia europea, que a despeito de tudo, e principalmente dos nossos corpos commerciaes, que nenhuma iniciativa nem arrojo tem mostrado, ha muitos annos, em tudo o que toca á colonisação e desenvolvimento dos territorios africanos, se vae estendendo e consolidando, graças a alguns emprehendedores dedicados e ousados.

E' muito conhecido entre nós o regulo de Cabindo, muito amigo do paiz, e subdito leal e devotado, que ha alguns annos visitou Portugal, que lhe conferiu o titulo de barão de Cabinda. Este regulo mandou educar seus filhos aqui, maneira de civilisação empregada primeiro por D. João II e que se os nossos governos tivessem sempre tomado por norma da sua politica africana, melhores resultados produziria, que os que se podem esperar das conferencias ou congressos presentes e futuros.

M.ME CLOVIS HUGUES

Para satisfazermos á justa curiosidade dos nossos leitores publicamos hoje o retrato de M.me Clovis Hugues, a heroina franceza que dispertou as attenções do mundo civilisado, por um crime singular que foi ao mesmo tempo uma desafronta da honra de uma mulher offendida, calumniada no seu comportamento de esposa.

A imprensa diaria tem dado noticia d'este facto, e por isso nós aqui resumiremos a historia d'elle, dizendo só o bastante para illucidar aquelles que por ventura o ignorem.

A esposa do deputado Clovis Hugues, quando solteira, vivia em Marselha e era visinha do sr. Le Normand, solteirão, conquistador de officio, mas que um bello dia lhe deu para casar com uma viuva.

Pouco tempo durou a harmonia entre os conjugues, porque o sr. Le Normand voltou aos seus antigos habitos, o que levou sua esposa a procurar disquitar-se.

Para esse fim M.me Le Normand procurou um tal sr. Morin agente de negocios equivocos, e com elle planeou a base do processo de disquite, imaginando Morin, entre outros meios engenhosos, o de fazer figurar no processo relações amorosas do sr. Le Normand com a hoje M.me Clovis, e que n'essa occasião se achava ausente de Marselha.

O processo organisou-se bem ou mal, correu os seus tramites, e M.me Clovis só passados tempos, é que soube da infame calumnia de que tinha sido objecto.

Então mandou desafiar o seu difamador, mas o duello não se poude realisar por falta de padrinhos e porque Morin procurou esquivar-se a elle. Empregou ainda todos os meios que a sua honra offendida lhe suggeriu para se desafrontar, e por ultimo, de accordo com seu marido, o deputado da extrema esquerda, sr. Clovis Hugues, tentou uma acção por difamação contra Morin, em que o reu foi condemnado a dois annos de prisão.

Morin, porém, appellou d'esta sentença e procurou com tricas do foro entreter o processo e escusar-se á acção da justiça.

No dia 27 de novembro ultimo devia realisar-se uma nova audiencia em que o reu e auctores compareceram, porém esta audiencia por qualquer motivo ficou addiada para d'alli a quinze dias, facto que já se tinha repetido por vezes em consequencia das tricas de Morin.

M.me Clovis tocou o auge do desespero, via a sua honra offendida e todos os meios que procurava para a desafrontar, a sophismarem-se e a prolongarem de uma maneira dolorosa o seu soffrer moral. Teve um momento em que só viu o seu nome calumniado e o calumniador que se esquivava á desafronta; a lei confundia-se entre folhas de papel sellado e pereclitiva entre o difamado e o difamador; havia ainda um recurso, pensou ella, é a minha propria justiça, morra aquelle que ha dois annos me mata com o vergonhoso labeu que infamemente me assacou; e ouvia-se uma detonação e depois outra e mais duas, e Morin caiu atravessado pelas balas de um revolver que M.me Clovis segurava na sua mão convulsa pela indignação, mas com a firmeza sufficiente para não errar o alvo do seu calumniador.

Esta scena passou-se á saída do tribunal. M.me Clovis foi presa e está na cadeia de S. Lazaro esperando o julgamento que deverá ser curioso, pelas circumstancias occorridas.

Conserva serenidade ainda que tem soffrido alguns accessos nervosos que a tem prostrado. Não é uma facinora. A sua physionomia não apresenta nenhum dos caracteristicos que denotam a perversidade. Ao contrario a sua expressão é aberta e o seu olhar suave, chegando a ser bonita.

Não é uma criminosa vulgar. O seu delicto lavou uma affronta. Depois de Morin é a justiça a responsavel d'este crime.

Morin foi conduzido ao hospital quasi moribundo, mas a sua agonia prolongou-se ainda por dez dias morrendo depois de atroz soffrer. Entre os seus papeis encontraram-se muitos que o com-

ALEMQUER (Desenho do natural por J. Christino)

promettem. O seu corpo não foi reclamado por ninguem para lhe fazer o enterro, apesar de para isso se terem empregado diligencias e de o morto ter alguns parentes.

Estes factos não deixam de favorecer Mme Clovis, pois mais affirmam o ella ter livrado a sociedade, de um infame.

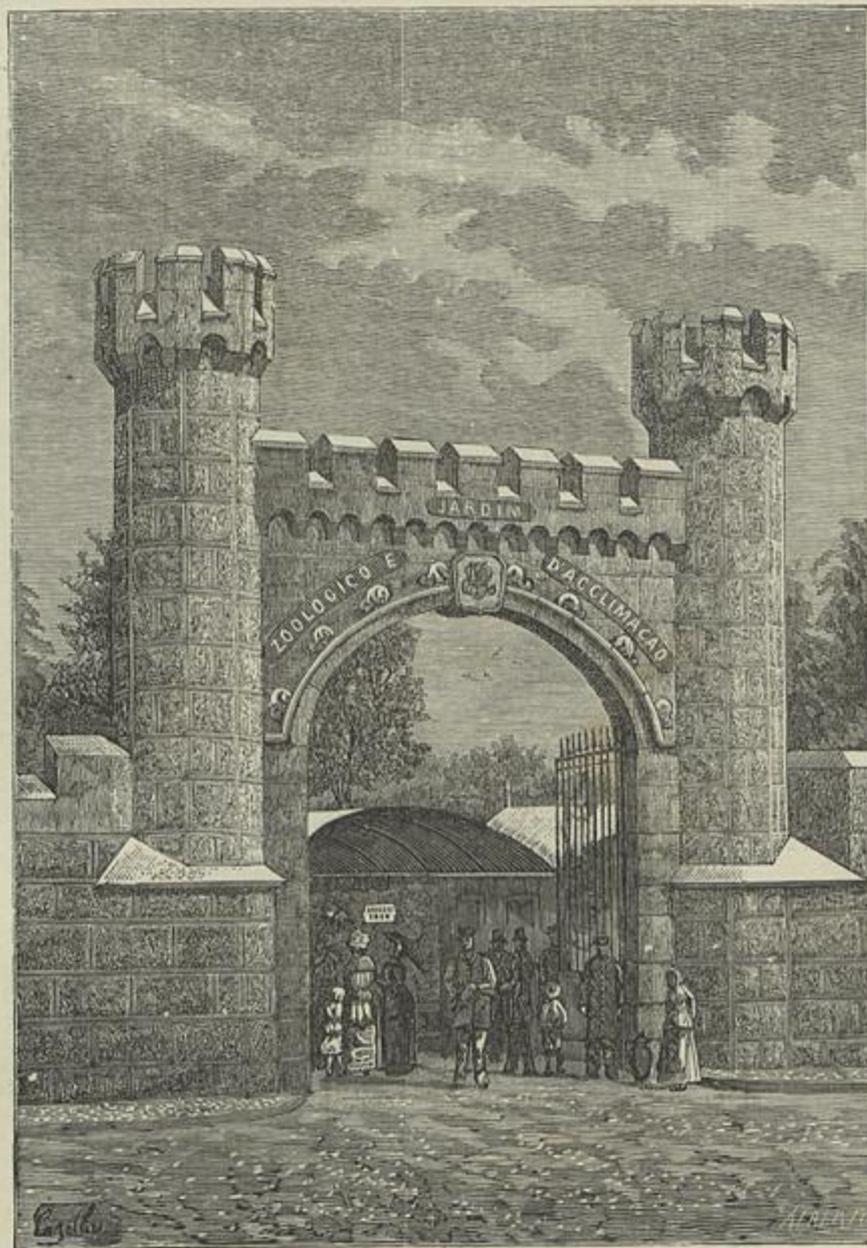
SALVADOR CORREIA DE SÁ BENEVIDES

(Concluido do n.º 199)

O advento do novo governo não podia ser favoravel a Salvador Correia, se é certo como alguem assegura, que elle se offereceu a Affonso VI para se pôr á frente das tropas e sustental-o no poder.

Segundo se diz o seu procedimento n'esta conjunctura, e os conselhos energicos que dera ao rei, atraiçoado pela mulher, afrontado pelo irmão, e escarnecido por uma parte da nobreza, que não duvidou exaltar a devassidão, e cobrir com o seu braço e o seu juramento o mais sinico adulterio que até hoje se tem commettido, foram alvo de insultos e acarretaram-lhe a organisação do processo, que naturalmente estava posto de parte.

Devia este proseguir e pelo que se passou com o processo de divorcio da rainha com o rei, se sabe de que meios se serviriam os adeptos do novo poder para perseguirem o libertador de Angola.

Affirma um seu biographo que, uma sentença chegou a premiar os seus antigos serviços com dez annos de degredo para os sertões de Africa. Foi pena que se não executasse porque talvez a rainha Guiga, ou os seus descendentes soubessem honrar o homem que a sr.ª D. Maria

JARDIM ZOOLOGICO DE LISBOA — O PORTAL DE ENTRADA
(Segundo uma photographia de H. Garland)

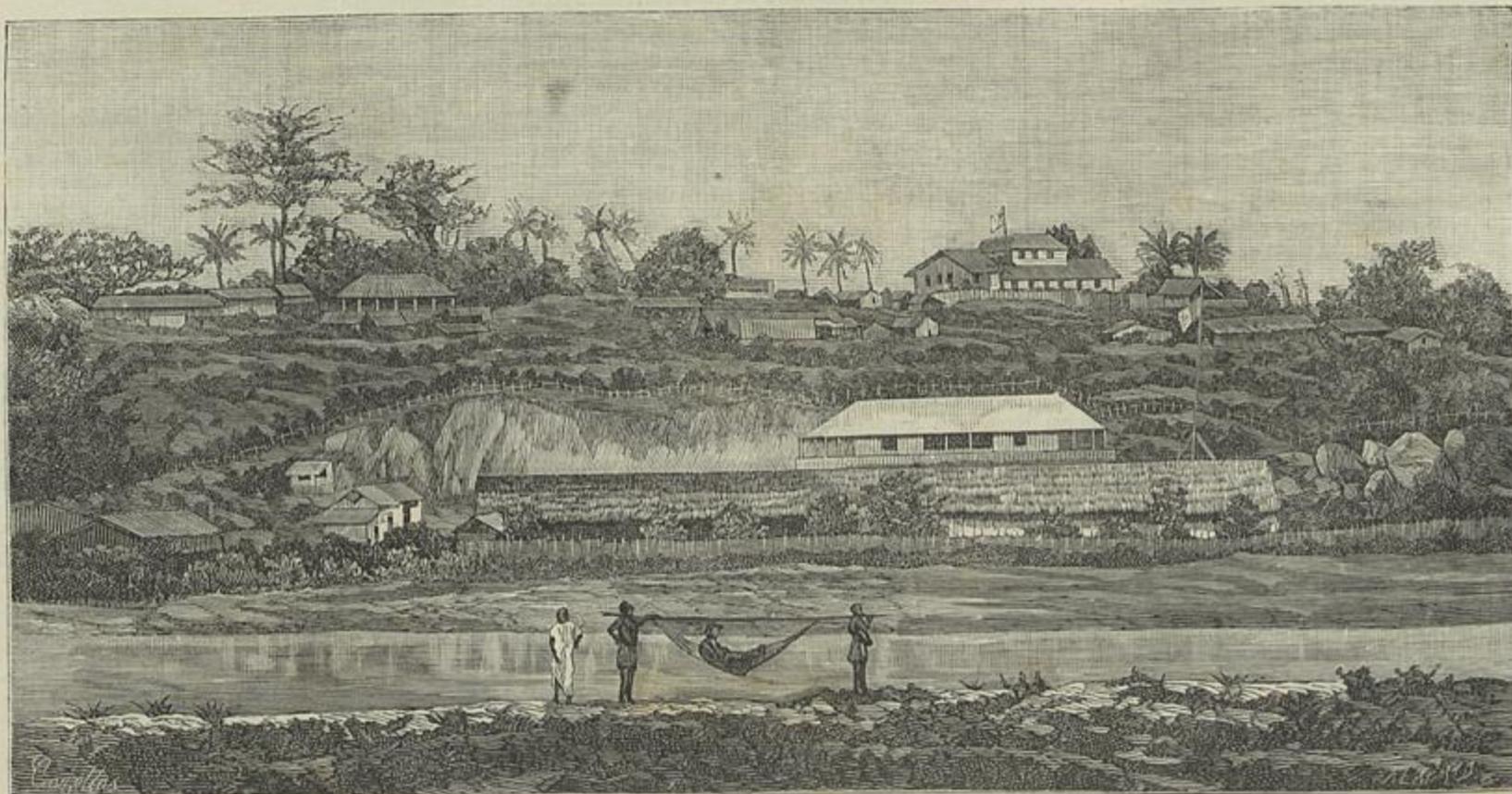
Francisca Isabel de Saboya e seu digno marido o sr. D. Pedro (depois rei 2.º do nome) o sr. duque de Cadaval e outros heroes do tempo não se envergonharam de vilipendiar.

Consta que só á custa de enormes despezas e sacrificios conseguira ficar recolhido em um convento, onde se resignara a acabar os seus dias.

Seu filho porém servia no exercito como todo o bom portuguez e no infructuoso cerco de Badajoz caiu gravemente ferido. Recolhendo á capital para se tratar, conseguiu então o pae obter moradia com homenagem no seu palacio de Santos, onde foi habitar.

O visconde, infelizmente, succumbiu por effeitos do seu ferimento, e o estado de orphandade a que ficaram reduzidos seus filhos, commoveram finalmente aquelle tyrannete que se chamou D. Pedro II, a apiedar-se d'elles, dando liberdade ao avô, e restituindo-o ás suas honras e dignidades, tomando de novo assento no Conselho Ultramaino.

Tudo esqueceu o venerando guerreiro, e diz Varnaghen, que elle attribuiu os seus desastres ao estado de divisão politica em que se achava o paiz, de certo, nem outra cousa podia imaginar, e por isso diz que ainda se offerecera para ir prestar serviços em Africa e até fazer a travessia d'ella, e que sendo extranhado por alguns amigos como já em edade tão avançada tinha taes velleidades, respondera: «que desejava muito ter a consolação de ouvir tiros á hora da morte.»

Emfim no 1.º de janeiro de 1685, tendo 94 annos de edade, falleceu na sua casa em Lisboa, sendo sepultado na

AFRICA PORTUGUEZA — CABINDA (Segundo uma photographia de Moraes)

sacristia do convento de Nossa Senhora dos Remedios, dos frades Carmelitas descalços, vulgarmente conhecidos pelos *Mariannos,* sacristia que havia comprado para esse fim.

Na sua sepultura havia o seguinte epitaphio:

AQVI IAS SALVADOR CORREA DE SAA
E BENEVIDES SENHOR DO COVTO DE
PENA BOA E DAS VILLAS DE TANQVINHOS
ARRIPIADA E ASSECA RESTAURADOR DA
FEE E DE XPTO NOS REINOS DE ANGOLLA
CONGO VENGVELLA SÃO THOME VENCENDO
OS OLANDEZES E COMPROV ESTA SAN-
CHRISTIA COM MISSAS A SVFRAGIOS
PERPETVOS PEDE A QVEM LER ESTE LETREIRO
O ENCOMENDE A DEOS.

Quem possue hoje esta propriedade de Salvador Correia, comprada por elle para eterno descanço dos seus restos mortaes? uma egreja presbytereanna extrangeira.

Um governo portuguez deixou profanar por uma seita heretica, um templo catholico e deixou tomar posse dos restos do restaurador de Angola, aos patricios d'aquelles que nos tomaram Bombaim, Malaca, Serra Leoa, Ceylão, que nos disputaram Lourenço Marques, o Ambriz, o Congo e que foram causa de nos acharmos em tão serios embaraços coloniaes perante a Europa.

Se Salvador Correia não tivesse tido a desgraçada lembrança de restaurar para Portugal, Angola e Congo não teriam hoje os bons patriotas as afflicções que soffrem.

A camara de Angola commemora o feito singular de 15 de agosto de 1648, celebrando todos os annos n'este dia um solemne *Te-Deum,* e em 1872 completou o testemunho do seu reconhecimento levantando um singelo monumento a Salvador Correia.

O governo portuguez e os herdeiros do heroe deixaram vender a sua sepultura!

J. B.

O PORTAL DE ENTRADA

NO JARDIM ZOOLOGICO

Nel mezzo del camin di nostra vita
Mi ritrovai per una selva oscura!

Assim começam na *Divina Commedia,* fundidos de bronze, aquelles assombrosos tercettos do vate florentino.

E a poucos passos nos conta depois o Dante como successivamente lhe sahiram ao incontro tres feras.

Primeiro uma panthera:

Ed ecco, quasi al cominciar dell'erta,
Una lonza leggiera e presta molto,
Che di pel maculato era coperta.

Em seguida um leão:

La vista, che m'apparve d'un leone.

D'este nos diz elle:

Questi parea, che contra me venesse
Con la test'alta, e con rabbiosa fame,
Sì che parea, che l'aer ne temesse.

Afinal uma loba:

Ed una lupa, che di tutte brame
Sembiava carca nella sua magrezza,
E molte genti fe' già viver grame.

Porfim, no canto III, quando o poeta assoma em frente da porta do Inferno, surgem-lhe tetricas, na inscripção que a incima, estas palavras:

Lasciate ogni speranza voi, che 'ntrate!

Não assim no formoso portal, que dá ingresso para o formosissimo Parque de S. Sebastião da Pedreira.

Lá estão no Jardim Zoologico, ingaioladas com toda a segurança, curiosissimas *feras.*

Lá estão verdejantemente umbriferas, convidando a um quotidiano passeio, aquellas elegantes alamedas caprichosamente dispostas em fórma de *selva.*

Mas tudo alli se nos offerece risonho e convidativo, — por fórma nenhuma temeroso e assustador.

Quando transpomos os umbraes d'aquelle portal, senhoreia-nos logo a certeza de que vamos incontrar lá dentro uma ininterrupta successão de agradibilissimas surprezas.

Circumdado por uma sumptuosa muralha, em que de espaço a espaço avultam picturescos os adornos da esculptura, — o Parque de S. Sebastião da Pedreira deve a sua principesca fundação á iniciativa intelligentissima do fallecido Par do Reino, José Maria Eugenio d'Almeida, seu primeiro proprietario.

As tradições de bom gosto implantadas alli pelo fundador do Parque incontram hoje a mais judiciosa comprehensão nos caracteres nobres e alevantados dos seus actuaes possuidores — a Ex.ma Sr.a D. Maria das Dores d'Almeida Pinto e seu illustre marido.

Offerecendo generosamente por imprestimo ao *Jardim Zoologico de Lisboa* aquelle seu bellissimo parque, o sr. João Antonio Pinto e a sua Ex.ma Esposa vincularam indelevelmente seus nomes a um dos mais sympathicos institutos que Portugal n'estes ultimos annos ha visto fundar.

Xavier da Cunha.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES, NO PORTO

(Continuado do n.º 215)

Eis-nos na grande arte — a pintura — e ao passarmos em revista a galeria que vamos percorrer, emittiremos as nossas impressões sem os rancores premeditados que mancham a imparcialidade da critica e sem a adulação servil que encobre nos recamos de um elogio insensato, ou a ignorancia de apreço ou o favor de mal entendida benignidade.

Tambem não nos preoccuparemos demasiado com divagações espiritualistas nem com descripções phantasiosas que levariam muito longe a extensão d'este artigo, preferindo seguir na referencia de cada tela, a fórma precisa e abreviada da moderna critica da arte.

Continuando pois, pela ordem do catalogo, referir-nos-hemos em primeiro lugar aos trabalhos do sr. Joaquim Augusto Marques Guimarães. Expõe elle seis quadros, dos quaes dois já estiveram no ultimo certamen da Sociedade Promotora: *Na meza da cosinha,* uma tela pintada com muita consciencia e verdade de colorido, e *Rosas,* explendido estudo de flores, perfeitamente tratado e cujo apreço se póde bem aquilatar pela sofreguidão com que foi adquirido, mal aqui appareceu

Os outros quadros são:

Retrato de madame Podestá, um trabalho primoroso pela correcção do desenho, pelo tom geral agradavel, pela carnação natural e pela vivacidade d'aquella sympathica physionomia em que transparecem nas rugas de uma velhice prolongada, os vestigios salientes da mais extrema bondade. Como retrato é o melhor da exposição.

Scenas do Minho — Ao entardecer. Um pedaço de paysagem em que se agrupam duas mulheres e dous rapazes, vendo-se por detraz d'elles dormitando sobre a relva um pequeno rafeiro. Presentem-se n'esta composição as incertezas e os defeitos de quem está pouco habituado a tratar taes assumptos. Não se comprehende bem a idéa do artista, ao fazer convergir as vistas dos seus personagens para um ponto vago, que se poderia presumir fosse a nesga arroxeada do sol poente, se esses espectaculos da natureza podessem preoccupar sequer por um momento a attenção da gente do campo. Depois os reflexos afogueados do sol que se escondeu por detraz da ultima linha do firmamento, mal determinam pela sua exiguidade o momento deslumbrante que antecede o definhar da tarde. As figuras teem pouca acção, achando-se duas d'ellas erradamente illuminadas e apenas um rapazinho, que se inclina um pouco para traz, apoiado em um dos braços, possue certa inergia e boa côr. Em todo o quadro ha uma monotonia desoladora, resultante da pouca pratica, do seu auctor, em pintar ao ar livre, mas se esta tentativa não teve o exito feliz que havia a esperar dos merecimentos de um artista de incontestavel aptidão, não deve ella descoroçoal-o, antes crear-lhe novos incentivos e novos alentos.

Christo. — Assumpto biblico para o concurso ao premio Barão de Castello de Paiva. Ao attentar-se n'este quadro, dir-se-hia estar alli mais o cadaver de um criminoso vulgar, do que o corpo exangue do primeiro martyr do christianismo. Nem uncção religiosa, nem novidade de pensamento. O artista parecendo querer desviar-se da tradicção mystica, cahiu no excesso de uma trivialidade que nem se póde desculpar por qualquer idéa de naturalismo. Se foi infelicissimo na escolha do modelo, pereclitou ainda mais na execução. O desenho é por vezes incorrecto; as proporções não parecem demasiado exactas; as pernas são de uma magreza flagrante; a cabeça não tem nada da suavidade do justo, nem da belleza typica da raça do heroe, e a modelação é em geral dura, desagradavel. A unica qualidade boa que se assignala n'este trabalho é o tom da rigidez cadaverica que se accentua em toda a carnação.

Noé amaldiçoa Cham. Assumpto de composição original para exame do 5.º anno e que foi julgado digno de elogio. As qualidades boas que porventura possua esta composição empanam-se com a fraqueza do colorido, com a uniformidade monotona de todas as figuras e com a falta de acção. Nada ha alli que exprima o anathema tremendo do venerando patriarcha. Falta de vida e de concepção artistica.

O sr. João Augusto Ribeiro, alumno da Academia, nada apresentou por que se extreme. Apenas a figura de meio corpo de tamanho natural para exame do 4.º anno merece algum apreço pelo desenho e em parte pelo colorido, se bem que as nuances dos tons sejam tocadas abruptamente, sem intelligencia e sem as gradações apropriadas do claro-escuro.

O esboceto representando o estafado assumpto de *Cornelia apresentando os dois filhos como as suas melhores joias,* é pouco menos do que uma caricatura. Os alumnos da nossa Academia são, na sua maior parte, de uma pobreza de imaginação incrivel em assumptos de composição. Completo desconhecimento das principaes noções de archeologia artistica, falta total do estudo de roupas, exiguidade de recursos de imaginação e factura inconsciente na *pochade.*

Christo e o Paralytico da Piscina, quadro original para o concurso ao premio Barão de Castello de Paiva, é outro desastre. Erros indesculpaveis de perspectiva como se nota no declive accentuado do pavimento, que deve ser plano, colorido mirabolante, attitudes mesquinhas; composição sem originalidade, desenho incorrectissimo. A figura do Christo, sem acção nem vitalidade, tem uma cabeça deploravel, e uma das mãos e um pé são verdadeiras monstruosidades. A disposição da tunica é mais do que primitiva nos rudimentos da arte. O paralytico, sentado junto a uma columna, traduz a doença de que padece por uma muleta e pela ligadura de uma perna. A posição é contrafeita, na physionomia não ha a menor expressão de soffrimento, tudo n'elle é vulgar e mediocre. Até a propria enxerga não se sabe de que tecido seja feita.

O sr Augusto Ribeiro apresentou este pequeno quadro de concurso, muito depois da exposição aberta. Póde ser que houvesse extraordinaria precipitação no cumprimento d'este compromisso, mas no entanto o que revela em todos os seus trabalhos é que necessita de estudo consciencioso e de constante applicação.

O sr. Alfredo Xavier Pinheiro exhibe uma pequena paysagem, bem perspectivada, e com colorido agradavel. Como tentativa de amador, é uma iniciação feliz.

O sr. João Marques da Silva Oliveira expõe, além de umas oito ou nove *pochades,* na sua totalidade, estudos de paysagem de diversos pontos da pittoresca povoação da Povoa de Varzim, tres quadros que tambem figuraram na Exposição da Sociedade Promotora: *Entre o almoço e o jantar, O ramalhete* e *Um retrato* (estudo).

O primeiro foi o grande *successo* da exposição triennal. Aquella admiravel tela, que representa uma simples scena de interior, póde considerar-se como a pintura mais completa que n'estes ultimos annos se tem produzido entre nós.

Irreprehensivel de desenho, colorido delicado e suavissimo, um effeito maravilhoso de sol que entra a jorros pela janella amplamente aberta, no fundo, posição naturalissima nas tres figuras, *detalhes* muito bem tratados, perspectiva, luz, ar, eis as condições excellentes que assignalam esta verdadeira obra de arte, que de per si bastava para fazer a reputação do seu auctor, se os seus meritos se não tivessem assignalado já por outros trabalhos dignos do mais subido apreço.

Este explendido quadro vae tornar-se propriedade do municipio, porque a vereação portuense muito louvavelmente resolveu adquiril-o para o seu museu.

O *Ramalhete* em que se vê uma senhora, compondo um pequeno ramo de flores junto a uma meza, prejudica-se um tanto pelo fundo, que não faz destacar sufficientemente a figura. Além d'isso a cabeça é pouco expressiva e de um colorido monotono e frio, e as flores copiadas com pouco cuidado. Em compensação é admiravelmente pintado o vestido, côr de perola, com umas pequenas flores assetinadas, notando-se ainda perfeita

solidez na figura, visto determinar-se bem o volume das carnes por debaixo do tecido delicado da roupa.

O *Retrato*, um busto de senhora, de chapeu, é um estudo com algumas qualidades boas, especialmente de desenho. O tom geral é que não nos agrada muito.

O distincto professor, com relação a colorido, é por vezes pouco vigoroso, como o seu illustre mestre mr. Cabanel. Os tons flacidos, mornos, da maior parte dos seus quadros, se bem que muito adequados á pintura decorativa, não se apropriam sufficientemente aos trabalhos propriamente ditos, de cavallete.

Bem sabemos que mesmo entre os pintores notaveis da antiguidade, foi sempre maior o numero dos bons coloristas, do que o dos bons desenhadores, mas quando se possue este ultimo merito, o outro póde vir a conseguir-se com esforço e vontade.

Era o que desejavamos ver de futuro nas obras do sr. Marques de Oliveira. Com o talento que possue, facilmente póde modificar a sua maneira sob o ponto de vista que deixamos expresso e estamos certos que com isso subirá muito mais no agrado do publico.

Entre o grande numero de esbocetos que exhibe, ha alguns deliciosos, taes como o que representa a praia da Povoa, na occasião dos banhos, uma rua atravessada por um riacho, um pedaço de quintal em que se destaca uma bella figura de mulher, de costas, concertando as redes, uma outra vista de praia, etc.

Não ha ninguem entre nós, a não ser Silva Porto, que cultive tão bem a *pochade*, como o insigne artista de que nos estamos occupando. Procurar produzir certos effeitos em simples e largas pincelladas, como colhendo-se a impressão de um jacto, nem é facil nem o conseguem senão artistas de pulso e de experiencia.

Assim este genero de pintura é sempre visto com apreço pelos praticos e com curiosidade pelos leigos.

(Conclue) *Manuel M. Rodrigues.*

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 215)

A sala era ampla e confortavel. Não tinha a accumulação incoherente de moveis disparatados, como na maior parte das salas modernas, nem a decoração fria e austera, que caracterisava os antigos salões aristocraticos. No tecto, do fundo azul, um azul esbatido e pallido, destacava-se um grupo de rosados *bambinos* sustendo nas mãos um cabaz de flores. Sobre um fogão de talha primorosa feito dos fragmentos d'um altar antigo, que Bernardo trouxera do Minho, via-se um espelho com moldura de trabalho egual ao do fogão. Encimava-o um grupo de dois anjos que levantavam nas mãos o brazão d'armas dos Souzas. A frente do espelho, assentava no cimacio do fogão um relogio de bronze, estylo Luiz XV, comprado no leilão da rainha D. Carlota Joaquina pelo avô de Helena. A figura maliciosa e gentil d'um Amor erguia-se sobre o mostrador, n'uma attitude ironica e risonha. Pelas paredes viam-se algumas aguarellas de valor, d'entre as quaes sobresahia a de *Fortuny*, representando a *Maja*, de mantilha branca, vestido de setim encarnado, tendo aos pés a figura pittoresca e oriental d'um pachá, de olhar amortecido, o rosto adusto e o enorme turbante enrolado em torno da cabeça. Sobre um buffete de seis pernas torneadas a primor, com incrustações de bronze, estavam dispersos varios objectos de valor: ao lado d'um tinteiro de Sèvres havia um vaso de Menton, do qual pendiam as folhas largas e aveludadas d'uma begonia da Jamaica. As cortinas e os reposteiros eram feitos de colchas da India com brocados e matizes. A porta que dava para o escriptorio de Bernardo era resguardada por um alto biombo de setim preto com bordados a matiz de cores vivas, representando passaros e flores exoticas.

Logo que chegaram á sala, Bernardo propoz que se sentassem em volta da meza. Jorge da Silveira tinha ficado ao lado de Helena, olhando para o Amor do relogio, cujo sorriso parecia mais malicioso n'aquelle momento.

Bernardo tirou a primeira carta e leu:

Quinta da Ribeira, 20 de julho.

Querida Helena.

Chegámos hontem á noite ao nosso castello feudal da Ribeira. Chamo-lhe assim, para me dar uns ares pretenciosos e romanticos de castellã. Tu imaginas d'ahi que a nossa casa é realmente um velho castello, meio desmantellado, erguido no alto d'um monte, com ponte levadiça e sentinella vigilante? Pensas que pelas fendas da torre denegrida ha riços de verdura, onde, na primavera, veem as andorinhas pendurar os ninhos, e no eirado do castello ha um mastro, no qual uma larga bandeira heraldica se desfralda aos quatro ventos do mundo?! Não, minha querida Thereza; não ha torre, nem ponte levadiça, nem castello, em cuja janella ogival o rosto gentil da castellã reclusa apparece pallido e triste, banhado pela luz meiga e melancholica do luar! Nada d'isso. Deixemos nos romances de Walter Scott as encantadoras paisagens da Escocia.

A nossa casa fica distante uma legoa da estação do caminho de ferro. Quando o comboio chegou era já ao cair da noite. Eu e o papá fomos os unicos passageiros que se apeiaram. Veio receber-nos á *gare* o chefe, homem cortez e muito obsequiador, que tem uma filha muito bonita. Tem os olhos muito pretos, d'um preto aveludado e profundo... Nunca vi uns olhos assim, Thereza! Parece que teem um vasto horisonte, e que o nosso olhar se mergulha n'elles como n'um grande lago de luz tranquillo. Mas o que a faz mais attrahente é saber que já não tem mãe, e é ella, com os seus 15 annos, que faz tudo em casa, que olha pelo pae e por dois irmãos pequeninos! Da estação até nossa casa parte uma larga estrada, orlada de encalyptus. Antes de chegar, atravessa-se uma ponte velha de pedra, á entrada da qual ha um chorão antigo e um nicho d'almas. Por baixo do arco da ponte arrastam-se serenamente as aguas do rio, aonde, todas as tardes, se vê passar um bando de patos, grasnando. A nossa casa fica dentro d'um pateo lageado. Umas escadas de pedra com patim de balaustres sobem até ao primeiro andar. Entra-se n'uma sala ampla, alta, de tecto lavrado, e em cujas paredes estão alguns retratos a oleo dos antepassados da minha familia. O tempo tem-se encarregado de apagar a maior parte; mas ainda se vê bem o retrato de meu avô, vestido de capitão-mór, com o sorriso malicioso de quem gastou o seu tempo e a sua graça em madrigaes pelos salões da provincia e pelas grades dos conventos. D'entre os retratos de varias senhoras, com vestidos de grande roda, corpete longo, sobresahe o retrato de uma freira benta, de habito de burel, o rosto de uma pallidez de pergaminho, o olhar amortecido, e o veo branco terminando em bico sobre a testa larga! Quando eu era pequena, e vinha de Lisboa passar aqui o verão, aquelles retratos faziam-me medo; e eu atravessava esta sala a correr, com os olhos fechados, com receio de que todos aquelles figurões saltassem das suas molduras e viessem atraz de mim! Hoje, francamente, a um certo sentimento de respeito que elles me inspiram, não posso deixar de juntar um sorriso, quando os vejo! Ainda assim, finjo-me tomada de uma religiosa veneração, quando os examino ao lado da tia Dorothéa e do padre-capellão. O padre-capellão, esse, sempre que m'os mostra, apontando-os com a bengala de castão de prata, exclama com solemnidade:

— Veneraveis reliquias d'uma familia nobre!

Imagina tu se, com esta pompa, eu os não hei de contemplar com orgulho e respeito!

Ao lado d'esta sala fica a bibliotheca, com suas estantes que forram as paredes até ao tecto, e uma larga meza de pau preto com pernas torneadas, sobre a qual se arrasta a *Nação*. Excuso de te dizer que nunca li, nem lerei, nenhum d'estes livros. Faze idéa que um dia, por curiosidade, retirei um da estante e abri-o. Puf! Que cheiro a bolor e a velhice! Tentei ler; mas não comprehendia nada. Logo na primeira pagina lembro-me que dizia assim: *D. Affonfo fe retiuou...* E isto em grandes lettras muito feias! Nunca mais! Depul-o no seu logar, com todo o respeito por aquelle veneravel ancião *D. Affonfo*, que não sei quem é.

Da bibliotheca passa-se pela sala do jantar para os aposentos do papá, e, junto aos aposentos do papá, ficam os meus. Da outra banda da casa mora a tia Dorothéa e o padre-capellão.

Esta carta vae longa, meu amor. Prometti descrever-te a minha casa, para te ires resignando á terrivel clausura que te espera. A maneira que te fôr escrevendo, falarei do resto. E a paisagem, Thereza! Ah! que delicioso panorama! Anda a gente enfastiada de ouvir todos os *touristes* a gabarem a paisagem maravilhosa da Suissa. Vem tu vêr o que é esta formosa provincia, e verás que te não ficam saudades do *Righi-Kulm!*

Estou anciosa pela tua carta. Vou acabar esta, para que o criado que a leva ao correio me traga noticias tuas.

Um beijo da tua

Helena.

P. S.

Acaba de chegar o papá com um convidado para o jantar. Avisteio-o da janella. Adivinhas quem é? E' o Bernardo de Souza. Vou ajanotar-me para o receber.

Outro beijo da tua

H.

(Continúa) *Alberto Braga.*

RESENHA NOTICIOSA

Conferencia de Berlim. Tem continuado desde o dia 15 de novembro até hoje este congresso em reuniões successivas dos plenipotenciarios, das sub-commissões, e de commissões de delegados. Os principios que se tem assentado são os mais absurdos possiveis. Estabelecer uma formula de direito para o Niger, outro para o Zaire, não é serio. O que se tem passado até hoje alli confirma plenamente o que n'este mesmo logar dissemos no nosso n.º 210: *Desde o momento em que se entra em uma conferencia para se regular o que é nosso, já o nosso direito, a nossa justiça são feridos;* e ainda: *por mais promessas, por mais protestos, por mais declarações que se façam para assegurar o reconhecimento dos nossos direitos, posse e justiça, ninguem nos levará a mal que ponhamos todos esses protestos, promessas e declarações de quarentena.* A quarentena foi menor do que a de algumas fazendas que ainda não obtiveram despacho. Logo nos primeiros dias se viu que Portugal estava só. Nem a Hollanda que antes tinha estado sempre ao nosso lado em questões coloniaes, nem a Hespanha, com interesses identicos e irmã como todos os dias se proclama, nem a Italia, tambem irmã pela raça e pelos imperantes, nem finalmente a Inglaterra, obrigada moralmente por um tratado, largamente discutido, queimaram a minima escorva pelo nosso paiz. Este, ou melhor os nossos governantes, não tem sabido collocar este em circumstancias de se fazer valer. Viram a mina que se lhe andava perfurando por baixo do seu imperio colonial, e não souberam estabelecer a contramina. Ouvimos, é verdade, um dia a um ministro das nossas colonias, lamentar-se de que não havia meios para fazer n'ellas o que era mister; pois para casos extremos, remedios extremos: suspendessem-se um pouco os melhoramentos no paiz e applicasse-se o fructo d'essa economia ás colonias. Agora vejam o que se passa na conferencia. O que nos admira, é que um homem da valia de Bismark se prestasse a ser o principal actor em uma farça que tem por fim salvar a fortuna do rei dos belgas, comprometida nas aventuras da *Associação internacional africana*, reconhecer uma *sociedade anonyma* como potencia, e esbulhar Portugal dos seus direitos seculares, creados e mantidos ha quatro seculos, com enormes sacrificios de vidas e fazenda dos seus naturaes, e isto em proveito de nações que ainda não existiam quando já Portugal descobria quasi todo o mundo e conquistava para a civilisação e commercio da Europa milhões de povos, e milhares de mercados. A farça para nós é tragedia. A conferencia de Berlim, dará direitos de cidade aos piratas e escravistas disfarçados, que só tem achado reluctancia em Portugal, e d'aquelle embroglio, que cada dia mostra mais o que é, e onde se consente que um delegado, como Stanley, deixe a conferencia para ir fazer discursos e conferencias por outras partes sobre os assumptos d'ella, sahirá um pastel indigesto, indigno das altas partes que n'elle figuram.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os fantoches de madame Diabo, por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá, Empreza Horas Romanticas, editora, Lisboa. Está publicado o VII volume d'este romance, um dos melhores de Montepin, illustrado com chromos de Raphael Bordallo Pinheiro.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana... 1884 — Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel. Typ. do Archivo dos Açores.* — Acaba de publicar-se o fasciculo XXX, com o qual fica completo o quinto volume d'esta importantissima collecção. Já por mais de uma occasião o nosso periodico se tem referido com o devido louvor a esta utilissima publicação feita a expensas do illustre michaelense o sr. dr. Ernesto do Canto, que é ao mesmo tempo o proprietario e o architecto que tem le-

vantado este singelo edificio, onde se guardam documentos da mais elevada importancia e merecimento historico. Já temos dito que a consulta d'este vasto peculio é hoje indispensavel a quem se occupa da historia dos nossos descobrimentos e colonisação, e por isso já se vê hoje citada em obras da primeira valia, como *Les Corte-Real* de H Harrisse, o *Memorandum* da Sociedade de Geographia, relativo aos nossos direitos no Congo, etc. Estimamos pois que esta publicação continue sempre bem succedida como até aqui, graças as pesquizas emprehendidas intelligentemente em diversos tempos pelo illustre director d'ella, e pelos seus dois mais importantes collaboradores e auxiliares os michaelenses José de Torres, já fallecido, e Brito Rebello, ainda activo no trabalho.

Horas de Tito — I o engeitado, por Alberto Braga, Typographia Castro Irmão, 1884, Lisboa. Ha muito que estamos em divida para com o auctor d'este delicado livrinho, delicado em tudo, no tamanho, na fórma e no texto. É uma historia singela repassada de sentimento e de verdade, que se lê de uma vez, que se torna a ler fortemente attrahido pelas bellezas que contem, bellezas de assumpto, bellezas de estylo, bellezas de linguagem vernacula, portuguez de lei, linguagem posta na bocca de cada personagem com propriedade e côr local de provincia, onde o pequeno drama deslisa suavemente, com a maior naturalidade, sem esforço nem inverosimilhanças. A. Braga é o escriptor de uma finura de ha muito reconhecida. Desde o seu primeiro livro publicado em 1878 com o titulo «Contos da minha lavra» que foi uma estreia brilhante, ficou conhecido como um dos primeiros prosadores portuguezes, que sabe os segredos da lingua, que tange todas as suas harmonias. A phrase do camponio dita por Alberto Braga tem todo o colorido e pittoresco proprio sem as rodezas do natural, tão bem elle a emprega e maneja. Se nos descreve a vida aristocrata, elle conhece esses costumes admiravelmente, faz-nos entrar nos salões ou nos gabinetes e ver todas as minuciosidades, com uma elegancia descriptiva, simples e encantadora; os personagens são verdadeiros e estudados com arte. Alberto Braga é um perfeito artista, porque, copiando do natural não faz photographias paradas onde só entrou a machina com a sua objectiva, faz arte; e a copia do natural atravez da arte tem a alma do artista que transparesse na copia que elle anima, fazendo realçar-lhe as bellezas. O *Engeitado* é um delicioso livro que fazendo a historia innocente de uma pobre creança victima da brutalidade de um patrão, essa historia nos interessa e nos commove pelo sentimento e verdade com que o auctor a conta.

Madame Clovis Hugues.

Novo methodo para aprender a ler, escrever e falar a lingua ingleza, etc. por H. G. Ollendorff, etc., terceira edição revista, corrigida e melhorada por J. L. Hartt Milner, etc. Antonio Maria Pereira, Lisboa, rua Augusta, 52, 1884. A edição que acaba de ser publicada pelo antigo e acreditado editor o sr. Antonio Maria Pereira é mais um bom livro de ensino e estudo, consideravelmente melhorado das edições anteriores. A vulgarisação das linguas é de uma grande vantagem tanto para o desenvolvimento litterario como para as relações do commercio, e a lingua ingleza é das que mais importa conhecer para qualquer d'esses ramos. O livro de que nos occupamos facilita extraordinariamente o aprender a lingua ingleza mesmo sem auxilio de professor, o que á primeira vista parecerá um exagero, mas que compulsando o livro e conhecendo o methodo empregado, logo se reconhece a possibilidade de qualquer individuo, que tenha regulares habilitações litterarias, poder effectivamente aprender a lingua sem outro auxilio que o livro que encaminha o estudante pelo modo mais pratico e facil. Este *Methodo* que, em francez conta já desenove edições, conta em portuguez tres, e n'isso está a sua maior recommendação além de que, como já dissemos, a presente edição é mais ampliada que as duas primeiras, tendo ainda a completal-a «A chave dos themas» que fórma um volume separado o qual está a sahir do prélo. Recommendando este livro, que é tambem uma magnifica edição, temos a consciencia de não sermos lisongeiros, fraco porque não peccamos.

A vida das flores, edição de David Corazzi, Lisboa. Fasciculos 46 a 50 com lindos chromos personoficando as flores de que trata. E uma edição cheia de attractivos.

AVISO

Com este numero do Occidente é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes, um supplemento

A Familia — Quadro de Miguel Angelo Lupi

O preço d'este supplemento avulso é de 400 réis, com o numero do Occidente 500 réis, só o numero, 120 réis.

Typographia Elzeviriana — Lisboa

AOS NOSSOS ESTIMAVEIS ASSIGNANTES

Ao concluirmos o 7.º anno de publicação do Occidente devemos algumas palavras de reconhecimento a todos quantos nos tem coadjuvado, na espinhosa tarefa que nos impozemos de dotarmos o nosso paiz com uma illustração portugueza, em toda a acepção da palavra.

Aos nossos estimaveis assignantes e dedicados correspondentes, renovamos os nossos agradecimentos pelo auxilio que nos teem dispensado n'esta cruzada civilisadora, pedindo a continuação dos mesmos favores, para proseguirmos na nossa obra de utilidade e gloria para o paiz.

Não pretendemos exaggerar o serviço que temos prestado, mas os 7 volumes publicados do Occidente falam por nós, mais eloquentemente que todos os adjectivos que áqui empregassemos para encarecer o nosso trabalho.

Esses volumes são precisamente a historia contemporanea illustrada, tanto na parte que diz respeito a Portugal, e esta sobre tudo, como aos factos mais importantes de interesse universal. Depois encontramos nas paginas do Occidente a vulgarisação das bellezas naturaes de Portugal, dos seus monumentos, dos logares celebres, dos seus homens notaveis, das suas artes e industrias, dando conta dos seus progressos quer com o buril, quer com a penna e levando ao extrangeiro, onde o Occidente conta um numero relativamente avultado de assignaturas, as noticias do nosso viver, do nosso desenvolvimento e de tudo que ha de mais importante em o nosso paiz.

Continuemos, pois, o nosso trabalho reunindo todos os esforços para bem correspondermos á nossa missão e ao favor com que o publico nos tem acolhido.

Até ao anno.

A Empreza.